

Dinâmica recente da Conta de Transações Correntes e a Conta de Serviços*

Jorge Arbache

Após se recuperar formidavelmente de profunda crise pela qual passou no período de 1995 a 2002, a conta de transações correntes voltou a se deteriorar, e, rapidamente, a partir de 2007 (Gráfico 1). Historicamente, o déficit da conta de transações correntes tem sido determinado pela conta de rendas – no período 1995-2002, por exemplo, as rendas responderam por 73% do déficit acumulado naqueles anos. Já a balança comercial e a conta de serviços tendem a ter papéis secundários nos destinos das contas correntes; a primeira promovendo superávits que ajudam a compensar os déficits das rendas; a segunda adicionando aos déficits, mas numa relação modesta de três para um em favor das contas de rendas.

As contas de rendas explicam a deterioração das transações correntes iniciada em meados da década passada? Definitivamente, não. Na verdade, as contas de rendas ficaram mais bem comportadas naquele período; no biênio 2012-2013, por exemplo, o déficit de rendas foi de apenas 1,6% do PIB, praticamente metade do déficit médio do período 1980-2013.

O que, então, explica o aumento dos déficits? O objetivo deste artigo é levantar elementos que possam contribuir para responder a essa pergunta. Identificamos uma mudança digna de nota na dinâmica das contas correntes. Diferentemente do padrão histórico, a deterioração das contas tem sido puxada pela combinação de

Jorge Arbache é professor de Economia da Universidade de Brasília. E-mail: jarbache@gmail.com.

* Agradeço os comentários e sugestões de Renato Baumann, Francisco Eduardo Pires de Souza e Livio Ribeiro a uma versão anterior deste artigo. Os erros e omissões são nossos.

forte piora da conta de serviços e desaceleração dos superávits dos saldos comerciais. A conta de rendas teve papel secundário no período recente.

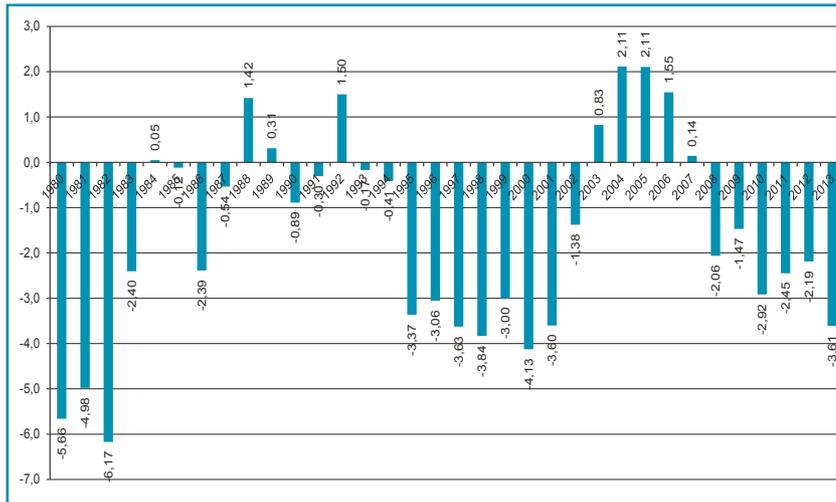
O artigo examina os potenciais impactos daquela dinâmica, com ênfase para a conta de serviços. Concluímos que, a se manter o padrão atual de importação, os serviços podem se tornar fonte crônica de constrangimento externo e ao crescimento econômico.

O texto está organizado como segue: a seção seguinte examina a conta de serviços do Brasil numa perspectiva internacional. Na sequência, o artigo investiga a conta de serviços e a sua relação com a conta de transações correntes. Posteriormente, o texto examina o perfil das importações de serviços e faz discussão sobre a que se destinam. A seção a seguir discute as implicações do aumento do déficit da conta de serviços para o crescimento econômico. E, por último, são apresentadas as conclusões e discutidas as perspectivas futuras.

BRASIL – GRANDE IMPORTADOR DE SERVIÇOS

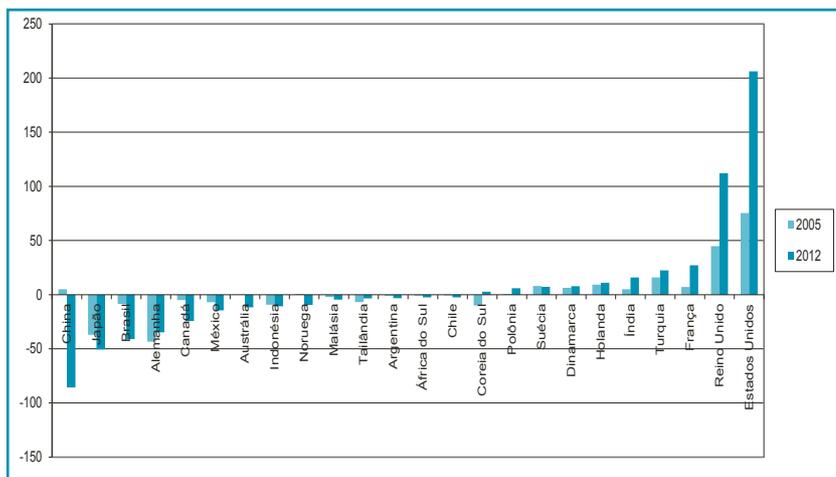
O Brasil se tornou um grande consumidor de serviços importados. O Gráfico 2 mostra que houve um substancial aumento do déficit de serviços entre 2005 e 2012, o que levou o país a ter um dos maiores déficits globais no setor. O Gráfico 3 mostra que tal déficit é significativo como proporção do PIB – entre 2005 e 2012, o déficit praticamente dobrou, tendo passado de -0,96% para -1,82% do PIB.

Gráfico 1
TRANSAÇÕES CORRENTES (EM % DO PIB)



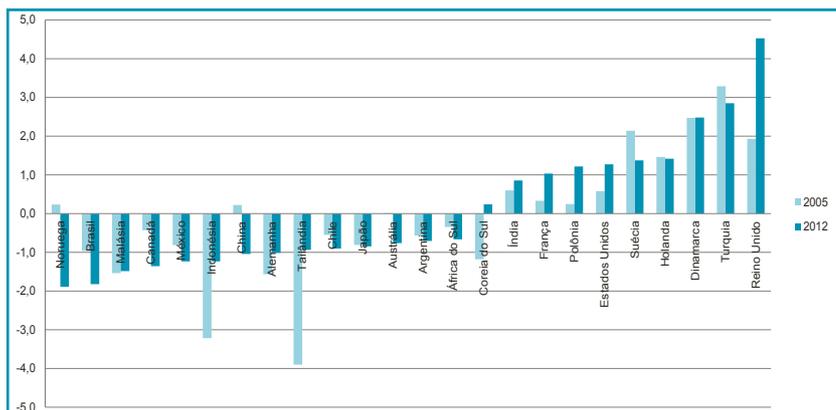
Fonte: Banco Central do Brasil.

Gráfico 2
SALDO DO COMÉRCIO EXTERIOR DE SERVIÇOS (EM US\$ BILHÕES)
TRANSAÇÕES CORRENTES (EM % DO PIB)



Fonte: World Development Indicators.

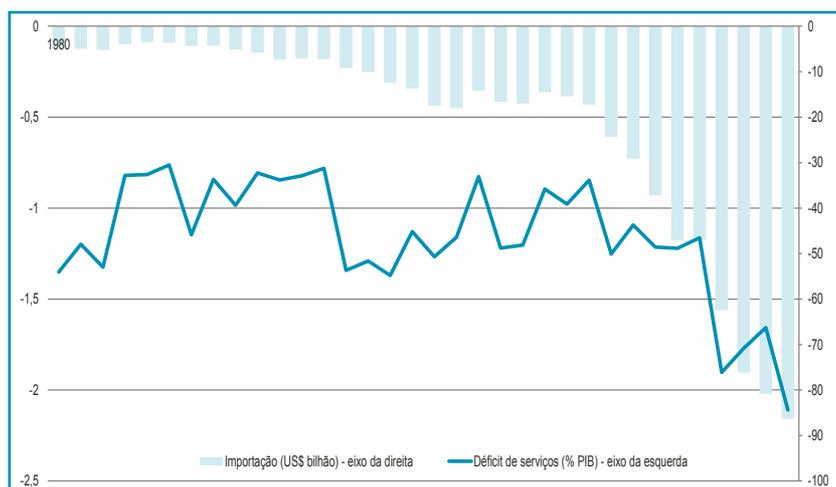
Gráfico 3
SALDO DO COMÉRCIO EXTERIOR DE SERVIÇOS (EM % DO PIB)



Fonte: World Development Indicators.

Se os serviços importados contribuírem para alavancar o crescimento do PIB via agregação de valor, diferenciação de produtos ou promoção de exportações, por exemplo, as importações estarão associadas a um círculo econômico virtuoso

Gráfico 4
DESPESAS COM SERVIÇOS IMPORTADOS



Fonte: Banco Central do Brasil.

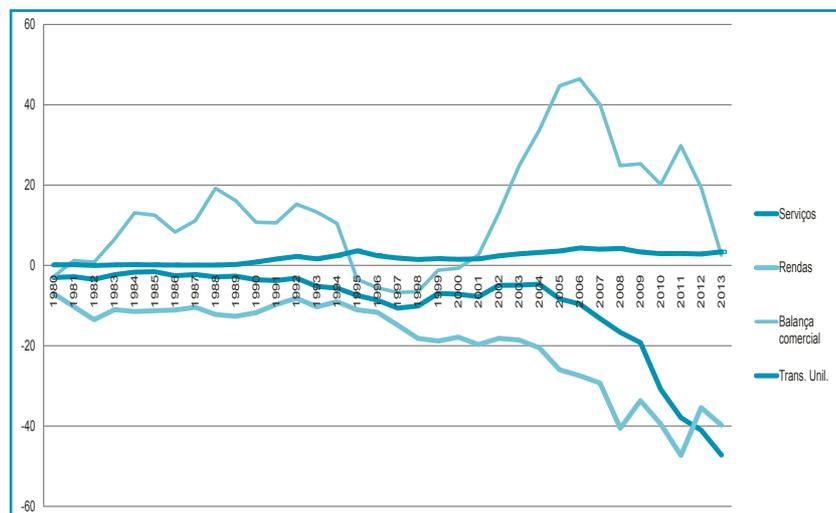
O Gráfico 4 mostra as importações e o déficit de serviços numa perspectiva de longo prazo. Houve mudança no padrão de importações a partir de meados da década de 2000, quando as despesas com serviços internacionais saltaram de US\$ 15 bilhões, em 2004, para US\$ 24 bilhões, em 2005. Dali em diante, as despesas deram grandes saltos, chegando a nada menos que US\$ 86 bilhões, em 2013. Já como proporção do PIB, o déficit

da conta de serviços entrou em deterioração a partir de 2009; em 2013, o déficit havia passado de 2%, fato que ainda não tinha sido registrado nas contas externas brasileiras.

SERVIÇOS E TRANSAÇÕES CORRENTES

O Gráfico 5 mostra os componentes da conta de transações correntes. A importação de serviços cresceu tão rapidamente a partir de

Gráfico 5
COMPONENTES DA CONTA DE TRANSAÇÕES CORRENTES EM US\$ BILHÕES)



Fonte: Banco Central do Brasil.

meados da década de 2000, que acabou por superar pela primeira vez, a partir de 2012, a conta de rendas nas transações correntes. Essa mudança sinaliza que a economia brasileira estaria passando por transformações importantes.

O Gráfico 6 focaliza a evolução das contas de serviços e de rendas a partir de 2005. Enquanto o déficit da conta de rendas diminuiu, passando de -3,9% para -1,8% do PIB de 2005 para 2013, o déficit da conta de serviços aumentou, passando de -1,25% para -2,11% do PIB.

A Tabela 1 apresenta estatísticas das contas correntes de 1980 a 2013. Três movimentos simultâneos saltam aos olhos. O primeiro foi a piora do superávit da balança comercial – a média do período 2010-2013, de 0,88% do PIB, foi bem abaixo da média

de todo o período em análise, de 2,38%.

O segundo movimento foi a melhoria da conta de rendas a partir de meados dos anos 2000. No período 2005-2013, a média foi de -2,51% do PIB, melhor do que a média geral do período, de -3,09%; no período 2010-2013, a média melhorou ainda mais e passou para -1,96%.

O terceiro movimento foi a rápida deterioração da conta de serviços. No período 2000-2013, a média foi de -1,32% do PIB, pior do que a média de todo o período, que foi de -1,16%. Mas, no período 2005-2013, a média piorou ainda mais e passou para -1,49%; em 2010-2013 o declínio se acentuou e chegou a -1,86% do PIB.

Essas estatísticas mostram que a deterioração das transações

correntes, a partir de 2005, pode ser explicada pela combinação da piora da conta de serviços com a desaceleração do saldo comercial. A incomum melhoria da conta de rendas não teria sido suficiente para mitigar os efeitos descendentes daquele movimento.

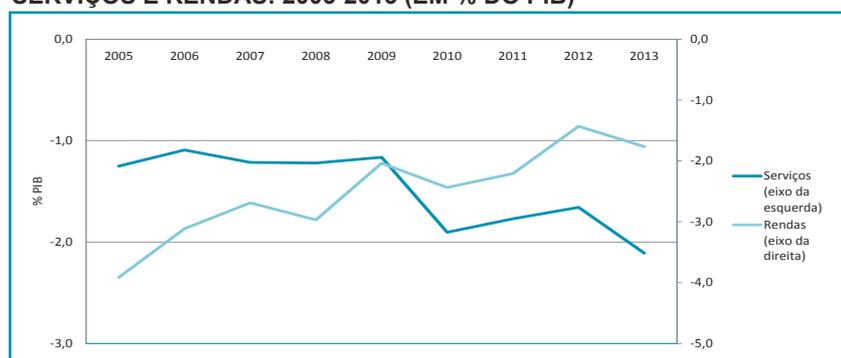
QUE SERVIÇOS O BRASIL ESTÁ IMPORTANDO E PARA QUE FIM?

O aumento da importação de serviços não deve ser visto como um problema *per se*. Se os serviços importados contribuírem para alavancar o crescimento do PIB via agregação de valor, diferenciação de produtos ou promoção de exportações, por exemplo, então, aquelas importações estarão associadas a um círculo econômico virtuoso. Esse foi o caso do Brasil a partir de meados dos anos 2000? Para responder a essa pergunta, examinamos a evolução dos componentes da balança de serviços.

A Tabela 2 mostra a decomposição do saldo da conta de serviços antes e depois da suposta mudança de rota em meados dos anos 2000. Transportes, área com longa e significativa presença nas despesas brasileiras com serviços, perdeu importância relativa, embora o déficit tenha

Gráfico 6

SERVIÇOS E RENDAS: 2005-2013 (EM % DO PIB)



Fonte: Banco Central do Brasil.

Tabela 1

ESTATÍSTICAS DAS TRANSAÇÕES CORRENTES (% DO PIB)

	Média 1980-2013	Erro padrão	Intervalo de Confiança (95%)	Média 2000-2013	Média 2005-2013	Média 2010-2013
Transações Correntes	-1,61	0,38	-2,38	-1,22	-1,21	-2,79
Balança Comercial	2,38	0,42	1,53	2,59	2,51	0,88
Serviços	-1,16	0,05	-1,27	-1,32	-1,49	-1,86
Rendas	-3,09	0,19	-3,49	-2,81	-2,51	-1,96
Transferências Unilaterais	0,26	0,33	0,19	0,33	0,28	0,15

Fonte: Banco Central do Brasil.

Tabela 2
SERVIÇOS NAS CONTAS CORRENTES (US\$ 1.000.000)

Ano	Serviços - total	Trans- -portes	Viagens -internacionais	Seguros	Serviços -financeiros	"Compu- tação e -informa- ção"	Royalties e licenças	Aluguel de equipa- mentos	Serviços Governa- mentais	Co- mu- nica- ções	Cons- trução	Relati- vos ao comér- cio	Empre- sariais, profis- sionais e técnicos	Pes- soais, cultu- rais e recrea- ção
2000	-7.162,03	-2.895,59	-2.084,21	-4,30	-293,72	-1.111,39	-1.289,39	-1.310,81	-549,47	3,69	227,41	194,41	2.251,01	-299,66
2013	-47.523,45	-9.785,97	-18.632,09	-1.075,65	1.114,93	-4.468,75	-3.066,41	-19.059,63	-1.441,62	20,86	10,68	317,93	10.092,46	-1.550,18
Part. de cada item (%) em 2013	100,00	20,59	39,21	2,26	-2,35	9,40	6,45	40,11	3,03	-0,04	-0,02	-0,67	-21,24	3,26

Fonte: Banco Central do Brasil.

crescido mais do que três vezes no período, passando de US\$ 2,9 bilhões para US\$ 9,8 bilhões. As despesas com pagamento de *royalties* e licenças também tiveram aumento substancial, passando de US\$ 1,3 bilhão para mais de US\$ 3 bilhões. As despesas com serviços de computação aumentaram mais de quatro vezes, passando de US\$ 1,1 bilhão para US\$ 4,5 bilhões. Embora o aumento daquelas despesas possa ser fonte de preocupação, aqueles serviços estão associados, ao menos em princípio, ao aumento da atividade comercial (transportes) e a atividades que agregam valor (TI e *royalties* e assistência técnica).

A Tabela 2 também mostra substancial deterioração das contas de viagens internacionais e de aluguel de equipamentos. O déficit de viagens internacionais foi de US\$ 2 bilhões em 2000; em 2013, o déficit já passava dos US\$ 18,6 bilhões. Já aluguel de equipamentos passou de US\$ 1,3 bilhão para mais de US\$ 19 bilhões. Juntas, essas despesas explicam nada menos que 79% do déficit de serviços em 2013.

O problema com o gigantesco aumento do déficit de viagens internacionais é que essas

viagens não são insumos diretos de agregação de valor ou diferenciação de produtos – embora, por certo, haverá relação, ao menos indireta, no caso de viagens de negócios e viagens de estudos e pesquisa, por exemplo. Mas boa parte do aumento das viagens internacionais se refere a lazer e entretenimento e, portanto, a consumo final.

No caso do aluguel de equipamentos, parte significativa das despesas se refere ao aluguel de plataformas, navios, sondas e outros equipamentos para o setor de óleo e gás. De fato, a Petrobras é uma das maiores contratantes internacionais de serviços técnico-especializados na área de petróleo e gás, como serviços de manutenção, projetos de engenharia, serviços de instalação de módulos topsides e equipamentos e serviços submarinos. A Petrobras também é a maior contratante do mundo de sistemas flutuantes de perfuração, com 120 unidades sob contrato e com dispêndio diário de, no mínimo, US\$ 24 milhões somente em pagamento de alugueis.¹

Uma preocupação referente ao grande e crescente déficit de aluguel de equipamentos é que eles

¹ Revista Brasil Energia, No. 376, março/2012. É preciso considerar que as despesas com aluguéis de equipamentos podem estar superestimadas por resultar, ao menos em parte, da legislação tributária, que estimularia a exportação de sondas, plataformas e outros equipamentos produzidos localmente para, em seguida, serem alugados. O regime do REPETRO é área que merece atenção, em especial pelo potencial de pressão que cria para o aumento do déficit de aluguel de equipamentos.

se destinam à produção de *commodities*. Logo, por mais que os serviços prestados sejam sofisticados e avançados e que viabilizem o desenvolvimento da atividade de óleo e gás *offshore* no país, os serviços prestados não agregam valor ou diferenciam produto, posto que os preços do óleo e gás são determinados no mercado internacional.² Já no caso da indústria aeronáutica, por exemplo, que é uma grande importadora de vários tipos de serviços, as importações contribuem para agregar valor e diferenciar produtos.

O Gráfico 7 mostra a decomposição da conta de serviços e destaca as mudanças de tendências mais claramente. Nota-se a crescente predominância de viagens e aluguéis de equipamentos e a perda de importância de transportes, computação e serviços empresariais, profissionais e

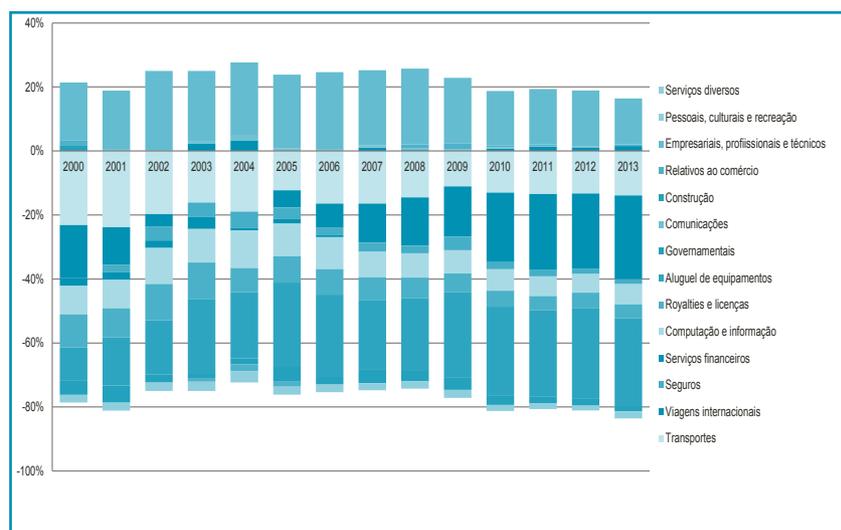
técnicos na composição dos serviços.

Ainda que, hipoteticamente, todos os serviços intermediários importados fossem serviços de custos e não de agregação de valor ou diferenciação de produtos, ainda assim eles poderiam estar associados a movimentos virtuosos se se destinassem, digamos, à reexportação.

Esse teria sido o caso do Brasil? Para examinar a questão, lançamos mão dos dados de valor adicionado ao comércio, o *Trade in Value Added* (TiVA – OCDE/OMC) (Tabela 3). Dos US\$ 176 bilhões em exportações em 2009, US\$ 65 bilhões deveu-se ao valor adicionado de serviços. Mas, daquele montante, US\$ 42 bilhões deveram-se a serviços indiretos e apenas US\$ 17 bilhões a serviços diretos. A participação dos serviços importados limitou-se a US\$ 6 bilhões.

Por mais que os serviços prestados sejam sofisticados e avançados e que viabilizem o desenvolvimento da atividade de óleo e gás *offshore* no país, os serviços prestados não agregam valor ou diferenciam produto, posto que os preços do óleo e gás são determinados no mercado internacional

Gráfico 7
DECOMPOSIÇÃO DA CONTA DE SERVIÇOS (EM %)



Fonte: Banco Central do Brasil.

² É preciso considerar outros benefícios do incremento da atividade do óleo e gás no país, como o desenvolvimento de inúmeros setores de suporte, produção de equipamentos, serviços, entre outros, além dos benefícios tributários e de redução da dependência de importações de óleo e derivados, para citar alguns.

Tabela 3

VALOR ADICIONADO NO COMÉRCIO - 2009 (US\$ MILHÃO)

País	Exportações totais	Valor adicionado nas exportações totais						Participação % nas exportações			
		Valor adicionado de serviços domésticos	Valor adicionado de serviços domésticos (consumo intermediário)	Valor adicionado de serviços domésticos (consumo intermediário)	Valor adicionado de serviços estrangeiros	Total do valor adicionado de serviços	Valor adicionado de serviços domésticos (consumo intermediário)	Valor adicionado de serviços domésticos (consumo intermediário)	Valor adicionado de serviços estrangeiros	Total do valor adicionado de serviços	
África do Sul	74.111,0	6.244,1	17.404,2	4,1	4.007,6	27.660,0	8,43	23,48	0,01	5,41	37,32
Alemanha	1.159.443,5	129.280,8	281.921,7	5.414,4	139.448,6	556.065,5	11,15	24,32	0,47	12,03	47,96
Argentina	63.941,1	7.436,1	10.357,8	6,0	3.277,8	21.077,7	11,63	16,20	0,01	5,13	32,96
Brasil	176.562,4	17.114,8	41.746,2	29,7	5.834,1	64.724,8	9,69	23,64	0,02	3,30	36,66
Canadá	367.569,3	36.311,0	73.833,0	207,7	24.791,7	135.143,4	9,88	20,09	0,06	6,74	36,77
Chile	60.585,4	3.923,6	9.862,2	6,1	4.580,7	18.372,6	6,48	16,28	0,01	7,56	30,33
China	1.283.964,2	62.577,4	165.706,0	3.721,4	146.223,9	378.228,7	4,87	12,91	0,29	11,39	29,46
Coreia do Sul	401.162,4	38.271,5	59.094,3	644,4	53.239,5	151.249,7	9,54	14,73	0,16	13,27	37,70
Espanha	312.611,5	64.642,1	80.392,4	327,8	28.365,4	173.727,7	20,68	25,72	0,10	9,07	55,57
Estados Unidos	1.458.182,8	339.965,4	327.981,3	3.543,6	51.360,0	722.850,3	23,31	22,49	0,24	3,52	49,57
França	584.014,6	83.250,0	156.402,7	1.255,1	58.663,2	299.571,0	14,25	26,78	0,21	10,04	51,30
Índia	255.031,9	59.453,2	50.312,5	133,2	24.067,9	133.966,8	23,31	19,73	0,05	9,44	52,53
Indonésia	125.691,9	6.547,7	13.364,6	15,6	6.473,0	26.400,9	5,21	10,63	0,01	5,15	21,00
Japão	618.021,9	55.994,1	163.644,2	878,3	27.003,5	247.520,1	9,06	26,48	0,14	4,37	40,05
Malásia	179.789,7	14.886,4	23.670,3	177,6	26.953,5	65.687,8	8,28	13,17	0,10	14,99	36,54
México	231.899,5	10.279,5	38.384,7	106,5	21.767,8	70.538,5	4,43	16,55	0,05	9,39	30,42
Polónia	162.225,3	14.995,4	35.917,2	105,8	17.781,9	68.800,3	9,24	22,14	0,07	10,96	42,41
Reino Unido	559.729,0	145.762,7	134.597,4	804,0	42.034,8	323.198,9	26,04	24,05	0,14	7,51	57,74
Rússia	331.374,8	24.240,0	68.525,6	98,6	11.896,1	104.760,3	7,31	20,68	0,03	3,59	31,61
Taiilândia	173.975,6	15.711,8	14.420,1	59,0	22.195,3	52.386,2	9,03	8,29	0,03	12,76	30,11
Turquia	136.407,2	20.531,1	30.946,2	35,7	10.597,5	62.110,5	15,05	22,69	0,03	7,77	45,53
Vietnã	63.055,5	3.407,1	5.212,5	8,2	8.280,4	16.908,2	5,40	8,27	0,01	13,13	26,81

Fonte: TVA 2009 - OCDE-OMC.

A parcela total de serviços embutidos nas exportações brasileiras, de 37%, é relativamente baixa para padrões internacionais, como destaca a tabela. Mas a grande diferença entre o Brasil e outros países está na bastante baixa contribuição dos serviços estrangeiros para o valor adicionado das exportações, com apenas 3,3%.

A elevada proporção de serviços domésticos e a baixa proporção de serviços importados nas exportações resultaram, ao menos em parte, da natureza das exportações brasileiras, que são cada vez mais concentradas em *commodities*. Via de regra, a produção de *commodities* demanda menos serviços intermediários que atividades como, por exemplo, a indústria manufatureira.

CRESCIMENTO ECONÔMICO E A CONTA DE SERVIÇOS

Como já discutido, identificamos significativa mudança na dinâmica das contas de transações correntes, com aumento da importância dos serviços para explicar o crescimento do déficit. O que resta saber é se aquela mudança é permanente ou transitória e quais seriam as implicações.³

Assumindo, por um instante, que o aumento do consumo de serviços importados é um evento permanente, seria útil saber qual é a relação com o crescimento econômico. Para tanto, estimamos a elasticidade-renda da demanda de serviços importados e exportados.

O Gráfico 8 mostra as elasticidades.⁴ Os resultados indicam que, tudo o mais constante, 1% de crescimento do PIB está associado ao crescimento de 1,25% na importação de serviços. Ou seja, nosso crescimento teria se tornado mais intensivo em serviços importados. Já a elasticidade das exportações é de 1,11%. O hiato entre as elasticidades de importação e de exportação sugere que a aceleração do crescimento econômico virá acompanhada do aumento da deterioração das contas de serviços.

A intensidade de serviços importados pode estar associada a vários fatores. Um deles são os preços dos serviços no Brasil, que são relativamente elevados para padrões internacionais, estimulando o aumento das importações quando a renda aumenta – essa talvez seja uma das explicações do aumento do consumo de serviços de turismo e lazer.

Um segundo possível fator é a limitada oferta de serviços utilizados como insumo à atividade econômica, como serviços técnico-especializados, serviços de computação e informação, telecomunicações, aluguéis de equipamentos, entre outros, cuja demanda tende a acompanhar o aumento dos investimentos.

Um terceiro fator está associado ao aumento da renda média das famílias, que traz consigo o aumento generalizado do consumo de serviços, incluindo serviços financeiros, seguros, serviços culturais e artísticos, viagens, softwares, entre outros.

A elevada proporção de serviços domésticos e a baixa proporção de serviços importados nas exportações resultaram, ao menos em parte, da natureza das exportações brasileiras, que são cada vez mais concentradas em *commodities* que, via de regra, demandam menos serviços intermediários a indústria manufatureira

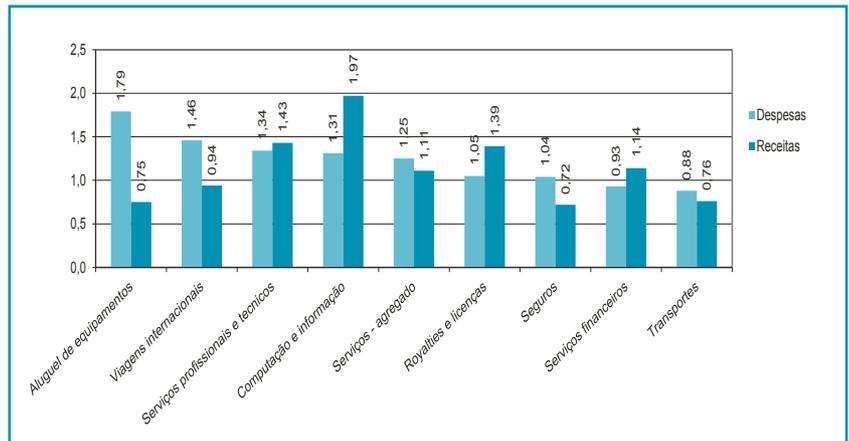
³ Questões idiossincráticas e pontuais, como medidas fiscais, cambiais e institucionais, podem ajudar a explicar o desempenho recente da conta de rendas e, em particular, da conta de lucros e remessas de dividendos.

⁴ Todos os coeficientes são estatisticamente significativos a 5%.

A crescente relevância dos serviços para a criação de riqueza industrial já tem incitado esforços e a advocacia dos países mais competitivos em serviços de agregação de valor em favor da alteração das regras mundiais que regulam o comércio para que reflitam os serviços embutidos nos bens

Gráfico 8

QUANDO O PIB AUMENTA EM 1%,
AS DESPESAS E RECEITAS COM SERVIÇOS AUMENTAM EM...
(VALORES EM % - PERÍODO 1990-2013)



Fonte: Banco Central do Brasil.

Um quarto fator é a baixa qualidade dos serviços no Brasil, que também encoraja a demanda de serviços importados quando a renda aumenta.

Um quinto fator são a taxa de câmbio apreciada dos últimos anos e a tributação interna, que favorecem os serviços estrangeiros em detrimento dos nacionais.

As estimativas das elasticidades-renda das importações de aluguel de equipamentos e de viagens internacionais, que são os dois serviços mais representativos da conta de serviços, são de 1,79% e 1,46%, respectivamente, enquanto que as elasticidades-renda das exportações são de 0,75% e 0,94%. Outros serviços, como computação e informação, *royalties* e licenças, serviços financeiros e seguros, também observariam aumento desproporcional do consumo em face de uma retomada do crescimento. Já os serviços técnico-especializados observariam aumento significativo das exportações.

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS FUTURAS

Este artigo examinou as causas da deterioração da conta de transações correntes a partir de meados da década passada. Encontramos o que segue:

- a) O Brasil tornou-se um dos maiores importadores globais de serviços. O fenômeno é recente e ganhou visibilidade notadamente a partir da década de 2000.
- b) Diferentemente do padrão histórico, a deterioração das contas correntes foi alavancada pela combinação de forte piora da conta de serviços e da desaceleração dos superávits dos saldos comerciais. A conta de rendas teve papel secundário, ao menos naquele período. Dessa forma, teria havido uma mudança sem precedentes na dinâmica das contas correntes. Ainda é cedo, no entanto, para se avaliar se aquela mudança teria sido transitória ou permanente.
- c) Encontramos evidências, ainda que preliminares, de

que o crescimento econômico brasileiro está mais intensivo em serviços importados. O aumento de 1% no PIB estaria associado ao aumento de 1,25% na importação e ao aumento de 1,11% na exportação de serviços. Tudo o mais constante, o eventual retorno de taxas mais elevadas de crescimento do PIB muito provavelmente virá acompanhado de pressões nas contas externas. Análises prospectivas devem levar em conta aspectos como, por exemplo, se e como a melhoria da conta de rendas implicará, cedo ou tarde, em aumento de remessas de lucros e dividendos.

d) Encontramos evidências de que a maior parte dos serviços importados destina-se ao consumo final e ao mercado interno, e não a atividades voltadas às exportações e/ou à agregação de valor ou diferenciação do produto. Por isso, o aumento das importações de serviços poderá se tornar fonte crônica de constrangimento ao próprio processo de crescimento econômico.

Em vista da nova conformação da economia mundial cada vez mais baseada na economia de serviços e da crescente concentração dos serviços de agregação de valor e diferenciação de produtos nos países desenvolvidos, é razoável esperar que as importações brasileiras de serviços cresçam substancialmente ao longo dos próximos anos.⁵

É muito provável que as nossas importações líquidas de serviços estejam bastante

subestimadas, o que se deveria, primeiro, às estatísticas tradicionais de comércio, que não capturam o componente de serviços embutidos nos produtos importados e exportados e, segundo, ao perfil das exportações, que são predominantemente *commodities*, e que, por isso, carregam relativamente poucos serviços “embarcados”.

A crescente relevância dos serviços para a criação de riqueza industrial já tem incitado esforços e a advocacia dos países mais competitivos em serviços de agregação de valor em favor da alteração das regras mundiais que regulam o comércio para que reflitam os serviços embutidos nos bens. Essa motivação já tem ensejado movimentos de revisão de acordos comerciais e a introdução de novas formas de proteção em acordos bilaterais e regionais de comércio e investimentos.

Esse cenário sugere que o Brasil deveria, desde já, elevar os investimentos e os esforços em favor da modernização dos serviços em geral, mas nos de agregação de valor e diferenciação de produtos em particular, e atrair *players* internacionais do setor para o país, de forma a que os serviços possam contribuir mais diretamente para o crescimento sustentado do país. ■

⁵ Ver J. Arbache, *Serviços e Competitividade Industrial no Brasil*, mimeo, Departamento de Economia, Universidade de Brasília, 2014; e J. Arbache, *Serviços e Perspectivas do Crescimento, Valor Econômico*, 8/5/2014.